Flor de Gume

Flor de Gume

Monique Malcher



Para as mulheres que sobrevivem com foice, palavras e magia.
Para a menina que fui e mataram tantas vezes.
Para a flor que sangra na noite de lua cheia.

9 Prefácio

PARTE 1 — OS NOMES ESCRITOS NAS ÁRVORES, OS UMBIGOS ENTERRADOS NO CHÃO

13 Boca de lobo
17 Suas sandálias me cabem?
20 Por entre as pedras as águas choram
24 O barco e as cartografias da esperança
27 Juçara
29 Borboleta amarela
32 Esperei você para o café
35 As palavras por debaixo da porta
39 A próxima parada
43 Quando dois pássaros se perdem

PARTE 2 — QUANDO OS LÁBIOS ROXOS GRITAM EM CAIXAS DE LEIS HERMÉTICAS

49 Um fogão entre as marés
53 Ilha do rato
56 Apartamento
59 Para voar com os ratos no verão
61 Anis
65 Erva-doce nas mãos para os dias sem você
67 Girassol
70 Camadas das memórias em lágrimas
74 Portas fechadas

76 Mármore no lugar de um coração

78 O pesadelo é um bilhete urgente do que fere

80 Um sorriso que atravessa o asfalto

88 Alecrim para dizer não fique aqui

PARTE 3 — O REFLORESTAR DO CORPO,
O ABANDONAR DAS PRAGAS

93 Rosa vermelha

97 Vênus

100 As marés guiadas pela lua

103 A rua abraça a lua vermelha em eclipse

106 As jiboias que se espalham com
a velocidade dos beijos

108 Elo

112 Abre o portão quando eu chegar?

114 Ramona

116 Cânhamo de despedidas

119 O Enforcado

123 As espumas têm seu nome

126 Os territórios que os pés desenharam

130 Hortelã

132 Beladona

Prefácio

As flores choram sozinhas na floresta,
as pétalas com gume,
porque precisaram se proteger.

Foi pelas ruas e pelos rios, certamente, que Monique trafegou pelo pensamento enquanto escrevia *Flor de Gume*, e isso me diz muito, não pelas vias explicativas às quais aqui me alinho para produzir esta reflexão, não, a experiência que tive ao ler *Flor de Gume* foi a de transitar entre o cimento, o asfalto e as águas — de dentro e de fora — de uma terra Amazônia e de uma terra mulher, ambos lugares também de meu pertencimento.

Este livro não se encaixa necessariamente em uma categorização de gênero, estabelecendo assim uma relação muito viva entre prosa e poesia, Monique não parece preocupada em desenvolver uma fórmula literária e, sim, muito mais do que isso, em produzir o gesto narrativo em seu ato contínuo, umedecido porque recém-saído do ventre. Em alguns dos contos/poemas, esses que mais me encantaram, a autora busca a palavra no agora a fim de fazê-la espelho de um resgate memorial, sob a égide estética de um tempo vencido por si mesmo.

Creio que, mais do que a importância do lugar de fala de Monique como autora, seja importante lembrar dos mecanismos discursivos existentes ao longo de *Flor de Gume*, a começar pelo

título provocante, a nos encaminhar para um universo interpretativo que extravasa o lugar-comum de muito do que a dita literatura política produziu no primeiro decênio deste século.

Flor de Gume remete à configuração drummondiana da náusea social causada pelos dias e pelas horas, perfurada pela flor, feia, porém bela, criando em todos e todas a esperança em face do nojo e do ódio. A flor de Monique me parece um bocado mais lasciva e ferina, como as plantas serrilhadas, o capim-cortante, aqueles matos por onde nos embrenhávamos na escola para caçar soldadinhos.

As pernas lanhadas, coçando, um filete de sangue sob os joelhos. O suor escorrendo no peito, na testa, debaixo dos sovacos. As descobertas da infância eram também a ousadia do lançar-se ao risco, às feridas e sua cicatrização. Decido deixar essa imagem com o leitor, para apresentar este livro: um olhar iniciático para as primeiras dores, as primeiras dores de si, as primeiras dores do mundo.

PALOMA FRANCA AMORIM
(autora de *Eu preferia ter perdido um olho*)

Parte 1

Os nomes escritos nas árvores, os umbigos enterrados no chão

Boca de lobo

Sempre muito desequilibrada para entrar em barcos, canoas, como se tudo que cortasse o rio fosse feito de corda bamba. Eu era mais bamba que tudo. Uma risada aqui, outra ali. Tinha graça para muitos o meu jeito de entrar no barco. Criança sente os cochichos. Meu corpo alimentava um tremendo medo de pontes. Às vezes, o que ligava o barquinho ao trapiche era só tábua improvisada, que balançava como as árvores em volta, acho que ela lembrava que foi parte de uma.

A solidão de menina era companhia no zarpar dos barcos. Alguém sempre precisava segurar firme na minha mão, caso contrário, eu não entrava de jeito nenhum. Queria não cair no rio, me afogar. Podia imaginar meu corpo ir tão fundo na escuridão das águas barrentas e a cor dos meus olhos enrubescendo o sol. Tudo era de madeira nem sempre tão firme.

Entrava no barco como se entrasse na vida das histórias das mulheres da minha família. Mergulhava fundo na encantaria. As embarcações eram lugar estranho e ao mesmo tempo meu território. Os pés reconheciam o banzeiro e se deixavam levar. As histórias, que já circulavam ali como visagens ou bênçãos, eram minhas bem antes da ideia de lar com quatro paredes. Os barcos eram o corpo da minha família, que construía, pintava e trabalhava neles. É preciso que se diga, sempre como empregados,

nunca como patrões. Proprietários de barco, isso não éramos, mas tínhamos os nervos agarrados às nascentes dos rios que espichavam. Eu era jitinha perto de tanto conto que o rio tinha para dizer quando batia no casco da embarcação.

Gostava de ver o que minha mãe tinha trazido de comida nos potes, comer a bordo era especial, principalmente porque sempre tinha a bolacha recheada com carinhas de monstros. Aprendi com muito custo a tomar banho nos banheiros dos barcos, a gente levava uma saboneteira, uma toalha, a roupa bem dobradinha dentro de um saco de pano e a calcinha no meio das roupas para não molhar. Pés no chão nem pensar, se uma ferpa entrasse sabe-se lá quantos dias levava para conseguir tirar cutucando com agulha. E criança é fácil de se machucar ou pegar bicho de pé.

A água caía do cano, não tinha chuveiro, uma porrada d'água que doía no cocuruto. Dava para ouvir as conversas, o motor, o tilintar da louça do almoço ou da janta sendo lavada, aquele conjunto marrom transparente que toda casa de vó tem, que não quebra por nada. Um pedaço de mim, que saía com água e sabão, voltava para o rio. Eu era parte dele, sentia, mesmo que fosse pequena para explicar.

Viajar de barco era voltar para o que sou.

As mulheres com seus filhos ou com suas mães idosas apressavam nosso banho, esmurravam a porta: "Bora, cunhatã, tá chocando um ovo aí?". É que eu gostava muito de brincar com espuma, esquecia da vida. Era uma dessas crianças que criavam história com tudo, imaginava que ali era onde ficava o timão… eu ia dando a direção, porque sempre queria as profissões masculinas e ao menos uma vez dar o norte de alguma coisa.

Mamãe sempre dizia que lugar bom era longe do motor, que era para ficar longe também do andar de cima onde os homens ficavam bebendo. Sabia que havia lugares do barco que não

eram para mim, e eu não era mesmo de me desgarrar para explorar. Gostava de ficar sentada na beirada, nos bancos extensos de madeira, eram horas olhando o barco desafiando o rio, ouvindo meio intrusa as histórias que as senhorinhas contavam sobre um barco parecido que virou em algum lugar.

Já sabia contar muito bem. Contando os coletes salva-vidas, concluí que era pleno risco, não tinha o suficiente. Desde essa época, o terror de não saber nadar me acompanhava, mas misteriosamente amava estar na água. Só me aterrorizava saber que talvez não sobrevivesse a um desastre desses, mas a mamãe sentia minha tristeza. Sem eu falar uma palavra, ela dizia: "É muito seguro, sabia que seu tio ajudou a construir este barco?". E num instante me sentia parte do barco de novo, uma das tábuas pintadas de vermelho. Ficava tudo bem.

O motor cantava uma canção, solitário, é que ninguém queria atar a rede ao seu lado. Imaginava como funcionava a engrenagem de tudo, se o motor tinha sido, em outra vida, um velho senhor abandonado por todos. Será que era igual um relógio? E que horas são quando a gente avista o brilho da cidade? Às vezes, me sentia deslocada, porque havia uma coisa muito urbana e besta no meu comportamento. O medo, o silêncio, os pensamentos intrusivos.

Quando mainha fazia a boca de lobo na rede, virando o punho de modo a criar duas orelhas de coelho que se encontram – para a bunda não encostar no chão ao sentar –, achava lindo. Era como se preparasse as cordas de um violão, e a música tinha o formato da calmaria. Banho tomado, de talco no pescoço, ia embalando, embalando, embalando. Cortando o rio para chegar em casa, mas ali também era nossa casa e me gabava das redes bonitas que minha vó costurava, que tinham nas varandas muitas rosas de crochê. Os punhos trançados, diferentes dos outros punhos, eram obras de arte. Mamãe conta que teve uma vez que

caímos de bunda, a rede rasgou ao meio. Rimos. Rir era bom para sentir o movimento da vida e não ter medo do balanço. Pintava o sete com minha revistinha para passar o tempo, que voava, cortando o rio e meu coração.

Suas sandálias me cabem?

Existe uma fúria nas saudades. Os meus pés cabiam nas suas sandálias, caminhava e corria com elas, sabia um jeito de não cair. Eram tão gigantescas nos meus pés pequenos e, isso me dava vontade de um dia crescer até que estivéssemos na mesma altura. Acreditava que teríamos a caminhada compartilhada, como era dentro das sandálias, mas nunca estivemos em equidade. Porque era sacramentado nos seus pensamentos que a minha existência era uma criação sua, e, por esse motivo, sua propriedade. Desde as decisões, como o tom de voz, o corte de cabelo ou o peso do corpo, até as escolhas de estudos, empregos e amores. Sentia a todo momento que o tempo não tinha agência sobre mim, que os dias mudavam a vida de todos, menos a minha. Continuava com meus sonhos trancados e me conhecia pouco.

— Sempre quis ter uma garotinha, diferente de muitos pais, quis uma menina.

— Você me ama?

— Muito mais do que você pensa, tua mãe nunca te quis, mas eu vou te amar pra sempre.

Todas as palavras de afeto eram sempre escolhidas com muita violência, ancoradas por um tipo de amor que estampa capa de jornal. Todo dia uma mulher é assassinada porque alguém

a odeia, e o crime é chamado de passional. Como se o afeto estivesse no ferir. O que meu pai falava por meio das ações era "te agrido, porque há um limite para ter o teu corpo". Só matar estabelece — mas, nem sempre — esse limite.

E cresci acreditando que as mulheres não poderiam me dar amor, que eu mesma não era o suficiente para o funcionamento da minha existência. Era urgente que os homens me amassem, aos moldes do amor que meu pai me dava, com seus excessos e controles. Conforme o tempo devorava os dias e me sentia estática, meu corpo não agia da mesma forma. Ele foi rompendo no meu estômago uma agonia infinita.

Uma vingança subia como a temperatura da água no fogão e crescia no meu ventre. Esquecendo que cuidar de mim era sério, ebuli. Precisava parir uma nova mulher, a que eu deveria ter sempre continuado a alimentar com vigor.

Se antes tinha vergonha e um sentimento total de distanciamento ao ver minha mãe nua ou trocando de roupa, agora já me causava curiosidade olhar esses momentos, porque reconhecia nela e nas suas marcas as minhas. Era também o meu corpo ali, com proporções diferentes, porque ela era magra, mas tínhamos manchas e marcas parecidas, causadas pelo mesmo algoz.

Meu pai um dia me fez passar limão nas pernas para que clareasse minha "sujeira" da virilha. O que meu corpo gordo tinha feito de errado? Sempre vinha aquela força de ódio aqui dentro que mastigava tudo com muito poder.

Eu me pegava gritando com a mãe por qualquer coisa, culpando-a pela nossa infelicidade. Acreditava que ficar mais próxima do meu pai me colocava nas liberdades da rua, mas, na realidade, meu corpo era ainda mais das domesticidades. Eu era oca, e no vazio propagava os ideários suicidas.

Queria que os pés coubessem nas sandálias dele, e se coubessem talvez ele não as usasse, para demarcar que espaço era o meu.

As lágrimas eram salgadas, diferentes dos rios. Mas antes de chegarem à boca, eu as matava com novos sonhos, textos e a possibilidade de um amor incrível, o próprio. Esse grande amor só rompeu muitos anos depois. As barragens ainda eram de ferro.

— Sei que tu decidiu que vai ficar com a tua mãe, mas acho que seria muito triste que eu não te contasse pelo que estou passando. — Segurou minha mão dentro do carro.

— A vida prega cada peça, né?

Eu já me sentia muito errada, via o sofrimento dele, acreditava nele, e como ele atuava bem, pobre desgraçado.

— Filha, estou com um câncer, bem avançado. — Abriu uma pasta com um exame. — Tenho seis meses ou, quem sabe, um pouco mais de vida.

Conseguiu.

Cedi na hora.

As lágrimas transbordaram em cascata.

Passei os anos seguintes com ele, mas misteriosamente a cura chegou sem vestígios de dor, esforço ou médicos. Ele não era tão grande como as sandálias diziam.

Por entre as pedras as águas choram

Não vou morrer, vou matar. A espingarda na mão pesava menos que a vontade de não segurar. Ele, ajeitando as garrafas caídas, mostrava as costas, e meu olhar acendia no escuro das dores. Os músculos meus, ainda tão pequenos, iam se acostumando sem tremer. Ajeitei a arma e senti que atirava na cabeça dele, sem erro, e os pássaros voavam em bando no susto.

— Vai atirar ou não? Filha? — falando macio tentou mostrar um carinho que nunca teve. — Tem que saber se defender, menina — riu.

Chorei muito. Naquele dia, ele me pressionou. Ter o poder de matar sem necessidade era algo que satisfazia muito seu ego. Matei um tatu, comemos o bicho assado, foi a pior refeição que já fiz, não pelo tatu, mas por tudo o que ele carregava. Engolia minha raiva a cada pedaço do animal que entrava na minha boca. Tinha uns nove anos e nunca havia sido introduzida ao tema da morte.

Nessa época, meu pai vivia do dinheiro de uma senhora rica, que acreditava loucamente nele. Vieram outras depois que a fonte secou. Com o dinheiro dela, ele, como ótimo enganador-empreendedor, comprou um pequeno sítio em Ponta de Pedras, uma cidade pequena e muito bonita no interior do Pará. Ainda

não tinha água encanada, também não tinha pressa, era um lugar pra onde ele só ia no fim de semana.

Nada do que conseguia durava muito, sempre ele emprestava dinheiro e não pagava ou enganava a filha de alguém. Eu estava sempre conhecendo lugares diferentes e passando pelos mais diversos tipos de situação, algumas muito perigosas. Era um homem que tinha sua simpatia, não era muito bonito, mas era comunicativo. Sempre escolhia se envolver com mulheres idosas ou que tinham filhos e dava um jeito de me diminuir na frente delas. Ele sabia criar abismos para evitar a própria ruína.

Quando a gente viajava, ele gostava de contar a história de quando o padrasto dele colocou uma pistola na boca da vovó. Dava uma choradinha, mas era fácil perceber que tinha um prazer em detalhar como ela ficou paralisada. Geralmente contava essas histórias depois que fazia alguma coisa ruim comigo e com a mamãe, como se a gente tivesse que sentir pena dele.

João. Nunca consegui namorar um homem com o mesmo nome. Meu pai era dessas pessoas que sempre repetiam as histórias da infância. "Nunca esqueci das vezes em que meu padrasto me espancava no igarapé. Como ele era capaz?", falava quase lacrimejando. E um dia, no sítio, ele fez o mesmo comigo e nunca mais parou de fazer. Sentia muito prazer durante, dava pra ver como se contorcia maravilhado com meu grito, que se misturava com a partida de futebol da rádio.

Antes de escurecer, era preciso fazer uma trilha que dava no igarapé, a única forma de tomar banho. Uma caminhada de vinte minutos. Na volta, eu levava dois baldes pra lavar louça e fazer um asseio pela manhã. O igarapé era triste, sentia que ali era um buraco com lágrimas de uma mulher gigante que eu via nos sonhos durante as noites que passava no sítio. Ela me chamava, queria dizer algo no meu ouvido.

Quando andava de bicicleta, balada pela estradinha de areia e pedregulho, parecia que ela me empurrava rindo, e eu sabia que nosso coração chorava igual, dentro da mata fechada. A noite chegava fria, a brasa que queimava as madeiras também escorria dos meus olhos em forma de lava. Passava sebo de holanda pra curar a dor nas pernas.

No lado oposto da fogueira, meu pai, que avivava o fogo, pensava dominar a natureza, mas ela estava dentro das minhas entranhas, estávamos em conversa direta. E a mulher gigante dançava girando a saia nas brasas, soprando ideias e forças que uma criança jamais deveria precisar ter. No igarapé, ela chorava pra produzir a água que banhava a mim e a tantas meninas que não sabiam até quando era essa coisa toda de viver, qual era o tempo que a dor aguentava? Dava um mergulho, blu, blu, blu, tão triste e inundada de ódio. Era uma criança que queria mudar o curso do mundo, ao menos do meu.

Papai me levava pro sítio sempre que queria castigar minha mãe, porque era direito dele estar comigo, direito escrito sabe-se lá por quem. Nunca me perguntaram se eu queria estar com ele. Depois de um tempo, indo quase todos os finais de semana, conheci Luzia, uma senhora baixinha, com cheiro de patchouli, lembrava minha avó, mãe da minha mãe. Luzia cantava tão afinada. A gente comia peixe com as mãos, e ela catava minha cabeça. Ela tinha uma filha, a Dalila, tão carinhosa e engraçada, diferente das minhas colegas do colégio. E dessa metade do sítio eu amava tão profundo quanto as belezas escondidas do rio. Às vezes chorava, e Luzia perguntava:

— Que foi, pequena? — Levantava meu queixo. — Não presta chorar tanto — avisava, sentida.

No meu peito, um cordão de conta pra me proteger. Um presente bonito. E, às vezes, se voltava rindo da casa dela, algo dentro do meu coração dizia que me esperavam na frente da casa

o pai e um cinto. Chicoteava a raiva que sentia das mulheres nas minhas costas, de joelhos quedava derrotada, olhando pra espingarda encostada na parede, querendo segurá-la de novo, dessa vez pra acertar o animal certo.

Ele vendeu o sítio e nunca mais subi na bicicleta, voltei ao igarapé ou abracei senhorinha Luzia. A moça do igarapé chorava, costurando a saia. A dor se tornou uma vela, derretendo no prato e endurecendo espalhada.

Aos meus dez anos, recebi uma visita em sonho. Saudei a primeira mulher que chorou nas águas, e o sítio afundou nas pedras, que tinham pontas feito lanças.